

© Sibila Publicações





TERRA DELAS



CHARLOTTE PERKINS GILMAN

TERRA DELAS



TRADUÇÃO E PREFÁCIO DE
CLARA PINTO CORREIA

© Sibila Publicações



Sibila
PUBLICAÇÕES

L I S B O A

Título: *Terra Delas*

Título original: *Herland*

Autora: Charlotte Perkins Gilman

Tradução: © Clara Pinto Correia

Edição original: *The Forerunner* (em série). Nova Iorque, 1915.

Pantheon Books (em livro). Nova Iorque, 1979

© 2019 Sibila Publicações

admin@inespedrosa.com

www.sibila.pt

www.facebook.com/sibilapublic

www.twitter.com/sibilapublic

Este livro pertence à Coleção Mulheres de Palavra.®

Sibila Publicações é uma chancela editorial de:

Nas Tuas Mãos Unip. Lda.

Lisboa, Portugal

Editores: Inês Pedrosa, Gilson Lopes

Design, paginação e produção: Above Below Comunicação Unip. Lda.

Revisão: Dulce Reis

Distribuição: Sibila

Imagem de capa: C. E. Perugini (1839-1918), *Pandora*. Coleção privada.

Ilustração pp. 2 e 3: Lawrence Alma-Tadema (1836-1912), *Spring*, 1894. J. Paul Getty Museum, Los Angeles, Califórnia.

Foto p. 4: a escritora, em 1900. Autor desconhecido. Biblioteca do Congresso dos EUA

1.ª edição: Outubro de 2019

ISBN: 978-989-54367-5-0

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita dos editores. Respeite o direito de autor. Diga não à cópia.

ÍNDICE

Prefácio	9
CAPÍTULO 1: Uma Expedição Banal	13
CAPÍTULO 2: Avanços Impetuosos	31
CAPÍTULO 3: Uma Prisão Especial	47
CAPÍTULO 4: A Nossa Aventura	65
CAPÍTULO 5: Uma História Única	83
CAPÍTULO 6: As Comparações São Odiosas	101
CAPÍTULO 7: A Nossa Crescente Modéstia	117
CAPÍTULO 8: As Raparigas da Terra Delas	135
CAPÍTULO 9: As Nossas Relações e as Delas	153
CAPÍTULO 10: As Religiões Delas e os Nossos Casamentos	171
CAPÍTULO 11: As Nossas Dificuldades	189
CAPÍTULO 12: Expulsos	207
Notas Biográficas	225

© Sibila Publicações

Uma combinação singular

Charlotte Perkins Gilman, autora deste *Terra Delas* (*Herland* no original), nasceu em 1860 entre a grande burguesia do Connecticut. Só dizer «grande burguesia do Connecticut» já implica pertencer a um mundo com uma visão inevitavelmente distorcida sobre o mundo dos outros, incluindo o dos *projects* que entretanto se ergueram onde ninguém os visse: estas mansões colossais vêm-se facilmente até das auto-estradas, com os seus requintes magníficos daquele gótico vitoriano que é tão do agrado da Costa Leste, as suas portas de madeira com sucessivas trancas douradas, e todos aqueles relvados à sua volta, sempre tão frescos e tão bem alinhados que todos os dias parecem ter acabado de sair da manicure.

Vinda de uma fortaleza de prosperidade assim, é perfeitamente normal que Charlotte, apesar de todo o seu espírito livre e a sua incensação das mulheres e das suas liberdades, use despreocupada e repetidamente palavras como «selvagens» — ou mesmo «pobres selvagens» — para os indígenas de outros continentes, que considere normal a supremacia branca, ou que — se bem que apenas uma vez — ponha uma das suas mulheres da Terra Delas a pronunciar-se vigorosamente contra «matar os que ainda não nasceram»,

com um ar perfeitamente horrorizado. Se estas «contradições» têm chocado alguns comentadores modernos, enquanto «contradições» fazem tanto sentido como esperarmos que Joana d'Arc afirmasse «sou esquizofrénica» em vez de «ouvi vozes», ou que qualquer outra coisa de um tempo anterior ao nosso tenha na estruturação do seu eixo de coordenadas exactamente o mesmo padrão que o dos nossos dias.

O que é sobretudo notável neste romance, tão cheio de contradições como a própria vida, certamente não menos cheio de contradições que a *Utopia* de More e pelas mesmas razões, é a quantidade de livros de expedições que a autora deve ter lido antes de escrever a sua expedição de fantasia. Esses livros de investigação de paragens desconhecidas abundavam na Europa desde o século XVI, e por regra incluíam as mesmas indicações: como é a costa, como se chega melhor ao sítio a explorar, a flora, a fauna, os povos aqui habitantes com a sua arquitectura, arte, traje, e ordem social, a religião desses povos e a sua forma de constituir família — e, sempre que possível, mapas detalhados e um léxico do que, mal ou bem, se conseguiu traduzir.

Sobretudo a partir do século XVIII, muitas destas viagens de exploração começaram a transformar-se em sátiras destinadas a expor sem riscos todos os problemas da Europa onde, por uma razão ou por outra, o herói ia parar a uma terra utópica na qual vivia um povo perfeito, com todos os problemas ocidentais permanentemente resolvidos. Não era raro, também, que esta vida utópica se tornasse a pior das distopias para o herói: a perfeição, sem nada que a perturbe, torna-se-lhe de tal forma aborrecida, mergulha-o num tal tédio ou faz nascer nele uma tal raiva, que por fim acaba por correr os riscos mais inauditos para conseguir regressar à sua terra — com sucesso, presume-se, uma vez que o livro que estamos a ler são as suas memórias¹. Até esse pormenor Charlotte leva em linha de conta, com um dos seus três heróis cada vez mais impaciente

¹ Para muito mais sobre viagens de exploração, relatos do visto e do imaginado, sátiras, utopias, e distopias, ver os livros *Dodologia* e *Mapa-Mundi*, de Clara Pinto Correia.

perante a tranquilidade daquele reino sem eventos imprevistos, até que, já perto do fim, perde literalmente a cabeça.

Outro pormenor notável é a quantidade de estudo em ciências naturais que a autora há-de ter feito para escrever *Terra Delas* — sobre reprodução, sobre insectos sociais, sobre desenvolvimento vegetal, sobre evolução, sobre adaptação ao meio, sobre como evitar doenças através de uma vida e uma alimentação vegetariana extremamente saudáveis, sem álcool, nem cigarros, nem outros «tóxicos» de que o herói entediado está sempre a sentir a falta; e muito mais. A primeira edição do romance saiu em 1915, e incluiu até os resultados que o americano T.H. Morgan acabava de publicar sobre mapeamento de cromossomas na mosca do vinagre — e que fizeram nascer a genética. Todos os casos inevitáveis em que a ciência seguiu o seu curso e em que aquilo que era a norma em 1915 está hoje completamente posto de lado estão devidamente anotados no texto; basta a quantidade dessas notas para deixar claro o que esta mulher estudou para escrever o *Terra Delas*.

Entrando agora na parte que vai constituir o grosso do *blockbuster* de Hollywood: o que é esta Terra Delas? São três milhões de mulheres resguardadas num país magnífico protegido por todos os lados por encostas a pique e cascatas formidáveis, que vivem ali em total isolamento há dois mil anos sem nunca mais terem visto um homem, e ali construíram a mais harmoniosa de todas as civilizações. Como? A fantasia entra em cena. Há um qualquer «espírito natural», comparável em grande medida ao nosso Espírito Santo, que lhes permite reproduzirem-se todas por partenogénese — pelo que todas são avós, mães, irmãs, tias e primas umas das outras. É verdade que a partenogénese existe, sobretudo em organismos tão simples como as pulgas de água doce, nas quais foi inicialmente descoberta; mas, durante a Primavera e o Verão, os machos eclodem dos seus ovos, fertilizam as fêmeas («avidamente», escreveu Bonnet, o autor da descoberta, ao seu mestre Réaumur), trocam-se os genes e segue a dança. O caso é o mesmo em qualquer organismo que recorra à partenogénese, regra geral

organismos de pequeno porte. O maior animal em que já se detectou partenogénese foi uma espécie diminuta de salamandra — mas, sem machos, o que quereria dizer sem troca de genes, se todos estes animais engravidassem por obra e graça do Espírito Natural, nunca trocariam de genes com ninguém, e seriam todos iguais uns aos outros. E o mesmo se passaria com estas mulheres.

Quanto à Terra das Mulheres, o conceito joga obviamente com o velhíssimo mito das Amazonas, vindo da Grécia Antiga, que povoou em grande profusão toda a Idade Média europeia. No século XI, um auto-intitulado Preste João, que nunca saberemos quem foi, escreveu ao papa a oferecer-lhe apoio na luta contra os Mouros, e entre as suas várias hostes tinha um grande exército de Amazonas. A partir daí, é como se um exército não tivesse credibilidade sem o seu esquadrão de Amazonas. Até o D. Pedro das Sete Partidas esbarra numa aldeia de Amazonas nas suas viagens sem fim. Mas lá está. Antes de mais nada, as Amazonas são mulheres guerreiras. E, uma vez por ano, os homens podem entrar nos seus países, registar-se, e fazer-lhes filhos. No caso de nascerem rapazes, são devolvidos aos pais aos cinco ou seis anos. Estas «Amazonas» de Perkins Gilman, tal como a sua «partenogénese», não são, sequer, ficção científica. No mundo literário de hoje acho que receberiam aquele nome dos livros que dificilmente se distinguem uns dos outros: são «Fantasia».

Um último reparo. O livro termina abruptamente. Há quem diga que isto indica a existência de uma sequela. Mas mesmo um «fim abrupto» costuma ir até ao fim da cena que descreve. Aqui fica pendente uma aura de mistério, um quase desconforto, que nem sabemos se estará esclarecido nalguma espécie de futuro.

Nada mau, para uma mulher que viu tanto futuro ainda no seu tempo.

CLARA PINTO CORREIA
25 de Abril de 2019

CAPÍTULO 1: Uma Expedição Banal



INFELIZMENTE, ESCREVI TUDO só de memória. Se pudes-
se ter trazido comigo o material que preparei com tanto
cuidado, esta história seria muito diferente. Livros inteiros
cheios de apontamentos, registos escrupulosamente copia-
dos, descrições em primeira mão, e as imagens — foram
as minhas maiores perdas. Tínhamos feito mapeamentos a
grande altura, das cidades e dos parques; muitas paisagens
lindas com ruas, edifícios, por dentro e por fora, e todos
aqueles jardins maravilhosos; e, de maior importância ain-
da, imagens das mulheres propriamente ditas.

Nunca ninguém acreditará na beleza delas. No que
se refere às mulheres as descrições nunca são perfeitas, e
de qualquer maneira descrever nunca foi o meu forte. Mas,
de uma forma ou de outra, isto terá de ser feito; o resto do
mundo merece saber que aquele outro mundo existe.

Não disse com clareza onde se situa porque temo
que quaisquer missionários neófitos, ou comerciantes sem
escrúpulos, ou expansionistas territoriais, tomem nas suas
mãos o destino desse mundo. Não seriam bem-vindos, dis-
so tenho a certeza; e, se encontrassem aquele sítio, ainda
fariam mais palermices do que nós.

Começou assim. Éramos três amigos desde o tempo da escola — o Terry O. Nicholson (chamávamos-lhe Old Nick, por razões absolutamente válidas), o Jeff Margrave e eu, Vandyck Jennings. Já nos conhecíamos há muitos anos, e tínhamos muito em comum, apesar das nossas diferenças. E estávamos todos interessados na área das ciências.

O Terry era rico que chegasse para só fazer o que lhe apetecia. Acima de tudo, queria explorar. Entristecia-o que já não houvesse nada para explorar no mundo, só mantas de retalhos para preencher, dizia. Era bastante bom a preencher — tinha muitos talentos —, e destacava-se especialmente em mecânica e electricidade. Possuía vários géneros de automóveis e de barcos, e era um dos grandes ases da nossa aviação. Sem o Terry, nunca teríamos conseguido fazer nada.

O Jeff Margrave tinha alma de poeta, ou de botânico — ou de ambos —, mas a família convenceu-o a estudar medicina. Para a sua idade era bom médico, mas o seu verdadeiro interesse concentrava-se naquilo a que chamava «as maravilhas da ciência».

Por mim, tinha-me licenciado em sociologia. A sociologia precisa da contribuição de muitas outras ciências, claro. E eu interesso-me por todas elas.

O Terry era bom a coligir factos — geografia, meteorologia, e outros contributos semelhantes; o Jeff ganhava-lhe facilmente em biologia; e eu interessava-me por qualquer conversa deles que tivesse a ver com a vida humana, sendo que há poucas coisas que não tenham.

A certa altura tivemos a oportunidade de nos juntarmos a uma grande expedição científica. Precisavam de um médico, o que deu ao Jeff uma boa desculpa para fechar o consultório que acabava de abrir; precisavam do Terry pela sua experiência, as suas máquinas, e o seu dinheiro; e, quanto a mim, entrei na aventura através da influência do Terry.

A expedição devia cobrir milhares de afluentes que acompanhavam a bacia enorme de um grande rio, onde os lu-

gares estavam por marcar, os mapas estavam por fazer, os dialectos selvagens por estudar, e onde podíamos esperar encontrar todas as formas mais inesperadas de vida animal e vegetal.

Mas esta história não é sobre essa expedição. Essa expedição, basicamente, foi só o princípio do que nos aconteceu.

Comecei a interessar-me pelas conversas entre os guias. Tenho facilidade para línguas, sou bom em muitas, e aprendo-as depressa. Com este dom, e com um intérprete verdadeiramente qualificado que levámos connosco, fui percebendo aos poucos uma grande quantidade dos mitos e das lendas das tribos dispersas pela região. E foi assim que, quanto mais nos enfiávamos rumo à nascente entre convergências de cursos de água que formavam uma rede sombria de rios e ribeiros, pântanos, brejos e florestas densas, e quanto mais escalávamos montanha acima, por vezes entre bosques cerrados, por vezes ao largo de grandes cascatas, acabei por reparar que, com cada vez maior frequência, um ou outro daqueles selvagens me contava uma história sobre uma estranha e terrível Terra das Mulheres perdida na distância das alturas.

«Mais para cima», «Para ali», «Sempre a subir» — era onde ficava este país estranho onde não viviam homens, apenas mulheres e meninas.

Nunca nenhum deles o tinha visto. Para qualquer homem era perigoso, diziam eles, um perigo de morte. Mas existiam memórias de há muitos anos. Alguns investigadores mais corajosos tinham visto esse país — um País Grande, com Casas Grandes, Muitas Pessoas — Todas Mulheres.

E ninguém tinha lá ido? Sim, muitos — mas nunca tinham voltado. Não era um lugar próprio para homens — disso pareciam ter a certeza.

Contei estas histórias aos rapazes, que se riram delas. Também eu ria. Sabia muito bem que género de figuras mitológicas povoam a imaginação e os sonhos dos selvagens¹.

¹ Povoaram os mitos europeus, também, pelo menos até finais do século XIV. (*Nota da Tradutora*)

Mas, mesmo na véspera do dia em que deveríamos voltar para trás, como sempre acontece nas melhores expedições, quando chegámos ao ponto mais distante do nosso percurso e tivemos que inverter o nosso rumo, fizemos os três uma descoberta.

Tínhamos acampado numa língua de terra que avançava pelo interior do curso principal do rio, ou pelo menos do que nós pensávamos ser o curso principal. Tinha a mesma cor de lama que já nos acompanhava há algum tempo, e o mesmo sabor. Por acaso falei deste rio ao nosso último guia, um rapaz superior, de olhos brilhantes e rápidos.

Ele disse-me que havia outro rio — «ali para cima, rio curto, água potável, vermelha e azul».

Quis logo saber se tinha percebido bem, por isso mostrei-lhe um lápis vermelho e outro azul e voltei a perguntar.

Ele apontou para o rio, e depois para a zona a sudoeste. «Rio — água boa — azul e vermelha.»

O Terry estava por perto e interessou-se pelas indicações do jovem.

«O que é que ele está a dizer, Van?»

Eu disse-lhe.

O Terry ficou entusiasmado.

«Pergunta-lhe se é muito longe.»

O guia indicou-nos uma jornada rápida; pelas minhas contas, seriam duas horas de caminho, talvez três.

«Vamos lá», disse logo o Terry. «Só nós os três. Talvez se encontre lá mesmo alguma coisa especial. Pode haver cinábrio.»

«Ou então índigo», sugeriu o Jeff, com o seu sorriso preguiçoso.

Ainda era cedo; tínhamos acabado o pequeno-almoço; por isso dissemos que voltaríamos antes do anoitecer e fomos andando discretamente, sem vontade nenhuma de sermos considerados ingénuos se falhássemos, e esperando secretamente uma pequena descoberta feita só por nós.

Foram duas horas muito longas, quase três. Calculei que o selvagem teria chegado lá muito mais depressa se fosse sozinho. Havia um emaranhado de árvores e água quase intransponível, e zonas pantanosas que nunca teríamos conseguido atravessar sem ajuda. Mas o Terry tinha uma bússola e um caderno de apontamentos, onde ia marcando direcções e tentando assinalar marcos precisos.

Finalmente chegámos a uma espécie de lago por entre ervas e musgos, muito extensos, de tal forma que a floresta inteira à sua volta parecia mais baixa e difusa. O guia disse-nos que era possível ir de barco daqui até ao nosso acampamento — mas «caminho longo» — «dia todo».

Aquela água era um pouco mais clara do que a que tínhamos deixado para trás, mas da margem não era possível avaliar bem. Fomos andando em seu redor durante mais de uma hora, com a terra a tornar-se cada vez mais firme à medida que avançávamos, até que demos a volta a um promontório arborizado e vimos uma terra muito diferente — íngreme e desértica.

«Uma daquelas torrentes de leste», comentou o Terry. «Pode estar a centenas de milhas, mas tem este efeito no terreno.»

De repente deixámos o lago e avançámos directamente em direcção aos rochedos. Ouvimos a água a correr antes de a vermos, e depois o nosso guia apontou orgulhosamente para o seu rio.

Era curto. Via-se a abertura na face do rochedo de onde a água saía de uma catarata quase a pique. Era água doce. O guia bebeu com gosto, e nós também.

«É água da neve», anunciou o Terry. «Deve vir lá muito de cima, dos cumes das montanhas.»

Mas quanto a ser vermelha e azul — tinha, sim, um reflexo verde. O guia não pareceu nada surpreendido. Andou por ali um bocadinho à procura do que queria, e depois mostrou-nos uma lagoa marginal onde se viam claramente manchas vermelhas — e, sim, manchas azuis também.

O Terry agarrou na sua lupa e agachou-se para investigar.

«Isto são uns químicos quaisquer, mas com estas condições não consigo perceber de que género. Parecem corantes. Temos de ir ver mais de perto», incitou-nos, «vamos até ali onde começa a queda de água.»

Percorremos como pudemos as margens escorregadias, e fomo-nos aproximando da lagoa, que fervia e espumava por baixo da queda de água. Inspeccionámos a margem e encontrámos vestígios indisputáveis de cor. Mais: de repente, o Jeff descobriu um troféu que ninguém esperava.

Era só um farrapo, um fragmento de tecido longo e enrolado. Mas era um farrapo muito bem tecido, com um padrão sofisticado, de um escarlata vibrante que a água não tinha debotado. As tribos selvagens não sabiam fazer aquilo.

O guia mantinha-se serenamente na margem, obviamente satisfeito com o nosso entusiasmo.

«Um dia azul — um dia vermelho — um dia verde», disse-nos, e tirou da sua bolsa outro fragmento de tecido azul brilhante.

«Vamos descer», sugeriu, apontando para a catarata. «País das Mulheres — lá em cima.»

Nessa altura ficámos realmente interessados. Descansámos e almoçámos ali mesmo, e arrancámos do rapaz toda a informação que conseguimos. Mas ele não sabia dizer-nos mais do que os outros já tinham dito. Uma terra de mulheres — não há homens —, crianças, mas todas meninas. Não era bom para os homens — perigoso. Alguns foram lá — nunca voltaram.

Vi que o Terry ficava de boca aberta. Não era um lugar para homens? Perigoso? Parecia disposto a trepar logo ali pela catarata acima. No entanto, o guia não queria nem ouvir falar em subir mais, e nós tínhamos o compromisso de voltar ao acampamento antes da noite.

«Se nós disséssemos aos outros, eles se calhar ficavam mais tempo», sugeri.

Mas o Terry travou a fundo. «Oiçam, amigos», declarou. «Esta é a nossa descoberta. Não devíamos dizer nada àqueles professores arrogantes. Voltamos para casa com eles, e depois vimos cá — só nós — para fazermos outra expedição — só nossa.»

Olhámos para ele, impressionados. Era atraente para um grupo de três homens jovens e descomprometidos pensar em descobrir um país desconhecido, em tudo estritamente igual aos mitos do País das Amazonas².

Claro que não acreditávamos na história — mas mesmo assim!

«As tribos locais não fazem tecidos destes», anunciei, examinando os farrapos com imenso cuidado. «Há para ali um sítio onde alguém fia, tece e tinge — tão bem como nós.»

«Isso implicaria uma civilização considerável, Van. Não poderia haver um sítio desses — sem ninguém saber que há.»

«Bem, olhem que não sei. Lembram-se daquela república antiga escondida nos Pirenéus, num sítio qualquer — Andorra? Há muito pouca gente que a conhece, mas já lá está instalada com todo o requinte há mais de mil anos. Depois há Montenegro — um estado minúsculo e esplêndido — e podemos ainda não ter descoberto uma dúzia de Montenegros naquelas serras enormes.»³

Discutimos acaloradamente isto e muito mais durante toda a descida até ao acampamento. Discutimos ainda mais, e com mais cuidado e privacidade, durante o re-

² «Em tudo estritamente igual», isto é, antes de os três jovens o conhecerem melhor. Faltam aqui inúmeras características das Amazonas dos nossos mitos, nomeadamente a sua perícia guerreira a pé e a cavalo, levada ao ponto de queimarem o peito direito às meninas para que não interferisse com a manipulação do arco turco, em que se dizia serem exímias. Uma outra distinção importante é que, em todas as suas múltiplas aparições, as Amazonas fazem o que têm a fazer e nunca falam. (*N. da T.*)

³ Se esta conversa decorre já no século XIX, parece apenas normal que o século XX tenha herdado uma Europa pejada de estados minúsculos — com todas aquelas guerras de conquista, traição, domínio, e puro ressentimento, que Portugal e os vários reinos de Espanha travaram entre si até ao século XV. Sem as mesmas armas mortíferas, claro, e sem nada que se aproximasse de extremos como a Solução Final. (*N. da T.*)

gresso a casa. Continuámos a discutir depois, enquanto o Terry tratava dos aspectos práticos.

Estava entusiasmadíssimo com a ideia. Era uma sorte que ele tivesse tanto dinheiro — poderíamos ver-nos obrigados a implorar e a propagandear a coisa durante anos antes de arrancarmos com a operação, e depois tudo poderia redundar apenas num caso de divertimento público — nada mais do que alimento de luxo para jornais.

Mas T.O. Nicholson podia aparelhar o seu grande barco a vapor, arrumar lá dentro a sua lancha com o seu motor fora de borda especial, e ainda esconder nele um bimotor «desmontado», sem recebermos mais notoriedade do que um parágrafo nas colunas sociais.

Também tínhamos provisões, medicamentos, e toda a espécie de ferramentas. Neste ponto, a experiência prévia do Terry deu-nos uma grande ajuda. Acabámos por montar um transporte discreto, e muito completo.

A ideia era deixarmos o iate no porto mais próximo e subir por aquele rio infundável no nosso barco a motor, só nós os três e um piloto; depois largaríamos o piloto quando chegássemos à lagoa do nosso último acampamento, e a partir daí exploraríamos aquela água doce mais para cima.

No regresso, recuperaríamos o barco a motor, que entretanto ficaria ancorado no lago imenso das águas baixas. Tinha uma cobertura especial que funcionava como uma armadura medieval, fina mas forte, fechada como a casca de um bivalve.

«Aqueles selvagens não conseguirão entrar lá dentro, nem destruir nada, nem movimentar nada», explicou orgulhosamente o Terry. «A partir do lago usamos o bimotor, e o barco a motor fica ali a fazer de base para quando voltarmos.»

«Se é que voltamos», retorqui.

«Quê, tens medo que as senhoras te comam?», desdenhou ele.

«Não temos quaisquer garantias sobre essas senhoras, sabes», disse lentamente o Jeff. «Pode haver por lá um contingente de cavalheiros com flechas envenenadas ou qualquer coisa assim.»

«Se não quiseses vir, não venhas», declarou secamente o Terry.

«Não vou? Só com um mandado de captura é que não vou!» Tanto eu como o Jeff tínhamos a certeza absoluta a esse respeito. Mas tivemos muitas divergências de opinião, por todo aquele longo caminho.

Uma viagem transatlântica é uma excelente ocasião para discussões. Não tínhamos por perto ninguém a ouvir-nos, podíamos deitar-nos nas nossas espreguiçadeiras do convés e debater sem fim o que nos esperava — não havia absolutamente mais nada para fazer. Como desconhecíamos os factos em absoluto, a nossa margem de desentendimento era ilimitada.

«Deixamos cópia das notas no nosso consulado a indicar onde deixámos o barco», planeava o Terry. «Se não voltarmos ao fim de — sei lá, um mês — podem mandar uma expedição de salvamento à nossa procura.»

«Uma expedição punitiva», sublinhei. «Se as senhoras nos comerem terão que sofrer as consequências.»

«Conseguirão descobrir a nossa derradeira paragem com facilidade, eu fiz uma espécie de mapa com o lago, a encosta e a cascata.»

«Sim, mas como é que subirão até lá?», perguntou o Jeff.

«Ora, da mesma forma que nós. Se três valorosos cidadãos americanos estiverem perdidos lá para cima, os outros também hão-de arranjar maneira de lá chegar — isto para não falar da atracção de uma terra encantadora como a... e se lhe chamássemos Feminisia?», perguntou o Teddy.

«Tens razão, Terry. Assim que souberem da nossa história, aquele rio há-de ser um formigueiro de expedi-

ções e de aviões, a tal ponto que vai parecer que está a cair-lhe em cima uma praga de mosquitos», ri-me eu, e ria-me cada vez mais quanto mais pensava nisso. «Olhem que foi um grande erro não termos dado umas informações aos tablóides sobre isto. Salvem-nos! Que grandes cabeçalhos!»

«Nem pensem!», cortou o Terry, muito sério. «Esta expedição é nossa. E nós vamos encontrar aquele lugar sozinhos.»

«Então e o que é que vais fazer quando encontrares esse lugar — se encontrares?», perguntou tranquilamente o Jeff.

O Jeff tinha um coração de ouro. Acho que imaginava aquele país — se ele existisse mesmo — sempre a florescer em rosas, e bebés, e canários, e tudo muito bem arrumadinho, e todo esse tipo de coisas.

E o Terry, no segredo do seu coração, tinha visões de uma estância balnear de sonho — só Garotas, e mais Garotas, e mais Garotas — onde ele seria —, bem, o Terry era muito popular entre as mulheres, mesmo quando outros andavam em volta delas, portanto não era surpresa que tivesse sonhos agradáveis sobre o que ia ser a sua vida num sítio sem rivais. Isso via-se-lhe nos olhos, enquanto contemplava o sulco que íamos deixando na água e enrolava as pontas do seu magnífico bigode.

Mas eu pensava — nessa altura — que tinha uma ideia mais clara do país que nos esperava do que qualquer um deles.

«Estão os dois a acertar ao lado, amigos», insistia eu. «Se aquele lugar existe — e parece-me que temos pelo menos algumas razões para acreditar que existe — deve estar baseado num princípio matriarcal qualquer, e é tudo. Os homens terão o seu culto separado, menos desenvolvido do que o das mulheres, e far-lhes-ão uma visita anual — uma espécie de festa reprodutiva. Esta situação já existiu, e a nossa seria uma sobrevivente, nada mais. Têm para ali uma localização especialmente isolada, num vale ou num

planalto, e foi assim que as suas tradições primordiais sobreviveram. E será tudo.»

«Então e os rapazes?», perguntou o Jeff.

«Bom, segundo a tradição, os homens levam-nos quando chegam aos cinco ou seis anos, estás a ver?»⁴»

«E aquela teoria do perigo de que todos os nossos guias nos falaram?»

«Perigo não há-de faltar, Terry, e temos de ter cuidado com isso. Mulheres que tenham chegado a este nível de desenvolvimento serão perfeitamente capazes de se defenderem sozinhas, e não terão qualquer razão para simpaticizarem com visitantes desconhecidos.»

«Mas é que nisso do perigo — um perigo de morte — toda a gente concordou, lembram-se?»

E falámos, e falámos, e falámos. E por muito que eu tivesse peneiras de superioridade sociológica, não conseguia aproximar-me mais da verdade do que qualquer um deles.

Não deixa de ser engraçado, tendo em conta o que acabámos por encontrar, recordar agora o que imaginávamos que poderia ser um país de mulheres. Claro que dizíamos sempre a nós próprios, e por maioria de razão uns aos outros, que tudo aquilo não passava de especulação sem fundamento. Aliás, fomos especulando durante toda a viagem por mar, e depois ainda ao longo de toda a viagem pelo rio. Começávamos por dizer solenemente qualquer coisa como «admitindo a improbabilidade», e depois desatávamos a especular ainda mais.

«Elas lutarão umas com as outras», insistia o Terry.

⁴ Esta era, de facto, a mitologia ocidental sobre as Amazonas. Uma vez por ano, estritamente para a «época da reprodução», os homens podiam entrar na sua terra. Os acasalamentos parecem dar-se ao acaso; mas, de forma diversa conforme a origem das histórias, estas mulheres tinham maneiras infalíveis de guardarem o nome e a localização precisa de cada pai. Guardavam e educavam conjuntamente todos os filhos. Mas aos cinco ou seis anos, quando os rapazes eram fortes e já não tinham qualquer necessidade delas, umas faziam uma festa, outras nem se sabe — e, no dia seguinte, devolviam-nos à procedência. É frequente ser uma qualquer ave também mitológica, como o grifo, que vem buscar os rapazes e fazer as entregas; o que não deixaria de ser uma origem interessante para as nossas histórias da cegonha que traz os bebés de Paris no bico. Mas há outras formas de entrega, todas elas muito engenhosas, ao pai certo de cada menino. (*N. da T.*)

«É o que as mulheres estão sempre a fazer. Não podemos esperar qualquer espécie de ordem ou de organização.»

«Estás completamente enganado», dizia-lhe o Jeff. «Vai ser como um convento organizado pela abadessa — uma irmandade harmoniosa e pacífica.»

Eu escarnecia das ideias deles.

«Freiras, pois! Nas tuas irmandades pacíficas seriam todas solteiras, Jeff, e viveriam sob votos de obediência. Estas são só mulheres, e mães, e onde há maternidade não há irmandade — não muita.»

«Pois claro — hão-de andar às turras umas com as outras», concordou o Terry. «E também não devemos esperar nem invenções nem progresso: há-de ser tudo terrivelmente primitivo.»

«Então e o tal tear dos panos?», sugeriu o Jeff.

«Ora, tecido! As mulheres sempre fizeram tecidos. Mas não passarão daí — vão ver.»

Gozámos com o Terry sobre a sua fantasia de ser recebido de braços abertos, mas ele manteve-se firme.

«Vão ver», insistia. «Hei-de ficar amigo delas todas — para depois lançar umas contra as outras. Torno-me rei daquilo tudo num instante — uau, o Salomão que passe já para o meu banco de trás!»

«Então e nós?», perguntei. «Não seremos nomeados Vizires, ou qualquer coisa assim?»

«Eu nunca poderia correr esse risco», declarou ele solenemente. «Ainda faziam para ali alguma revolução — quer dizer, faziam de certeza. Não, teríamos de vos decapitar, ou de matar-vos com flechas — seja qual for o método de execução mais popular lá no sítio.»

«Terias de ser tu próprio a fazer isso, não sei se estás bem a ver», resmungava o Jeff. «Na Terra das Mulheres não haverá brutos escravos negros nem mamelucos! E seríamos dois contra um — era ou não era, Van?»

As ideias do Jeff e do Terry eram tão diferentes que, por vezes, tudo o que eu conseguia fazer era mantê-los de

boas relações um com o outro. O Jeff idealizava as mulheres ao melhor estilo sulista romântico, cheio de cavalheirismo e de sentimentalismo. E era um bom rapaz; vivia de acordo com os seus ideais.

De certa forma, o Terry também vivia de acordo com os seus ideais, se pudéssemos referir-nos às suas opiniões sobre as mulheres com uma expressão tão bem-educada como «um ideal». Sempre gostei do Terry. Era um homem a sério, generoso, corajoso e inteligente; mas quando andávamos a estudar nenhum de nós gostava especialmente da ideia de o ter por perto das nossas irmãs. Não éramos antiquados nem rígidos, pelo amor de Deus! Mas o Terry era «o limite». Mais tarde — bem, a vida de um homem é esse homem que a escolhe, e limitávamo-nos a não fazer perguntas.

Mas, à parte excepções raras relativas a possíveis esposas, ou à sua própria mãe, ou, claro está, às familiares mais bonitas dos seus amigos, a ideia do Terry era que todas as mulheres sedutoras eram para seduzir, e as outras nem sequer eram dignas de nota.

Às vezes era verdadeiramente desagradável perceber o género de opiniões que ele tinha.

Mas enfim, eu também perdia frequentemente a paciência com o Jeff. As auréolas cor-de-rosa em torno das suas mulheres eram em tudo irreais e, a partir de certo ponto, verdadeiramente irritantes. Eu tinha o meu meio-termo, evidentemente muito científico, e costumava argumentar academicamente sobre as limitações fisiológicas de cada sexo.

Em termos práticos, nessa altura ainda nenhum de nós era assim tão «avançado» como isso nessa questão das mulheres. Por isso brincávamos, especulávamos e discutíamos — até que, depois de uma jornada interminável, chegámos por fim ao nosso antigo local de acampamento.

Não foi difícil encontrar o rio, explorando para leste, e era navegável até à região do lago.